

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: XVR 00001

Data: 03.10.50

Pg.: \_\_\_\_\_

### Chavantes no Rio

Através de conhecido programa de rádio-missora desta Capital, juntaram-se, não há muitos dias, em interessante e despretenciosa conversa sobre os índios Chavantes, João Alberto Pizarro Jacobina e Francisco Meireles, estes dois últimos, veteranos do Serviço de Proteção aos Índios.

A palestra, tendo sido motivada pelo interesse da aludida emissora em ouvir o pacificador dos Chavantes sobre a técnica de que o mesmo se valeu para estabelecer relações amistosas com os distentados donadores da Serra do Roncador, e poder divulgá-la, assim, do modo mais amplo e objetivo possível, derivou, como era de esperar, para terrenos os mais imprevisíveis. De história, de economia, de administração pública, de técnica de pacificação, de psicologia do homem primitivo, de guerras, caçadas e pescarias, de episódios anedóticos — de tudo isso se tratou. E tratou-se, sempre, de forma não professoral, não encenada, não exaustiva.

No curso da conversa, foi repetidamente indagado o motivo pelo qual ainda não se promoveu a vinda ao Rio de um grupo de Chavantes, desde que estes têm manifestado e continuam a manifestar o vivo desejo de conhecer esta cidade, e desde que, também, não poucos deles já se deixaram embarcar, tranquilamente, em caminhões, em lanchas e até em avôes. Ademais, argumentaram os interlocutores (alguns destes através de telefonemas) não se podia explicar que se proibisse ou dificultasse tal visita sob a alegação de que os Chavantes careçam de resistência orgânica para certas enfermidades infecciosas, pois é sabido que eles, além de, em outros tempos, já terem tido contato com os civilizados, passaram a frequentá-los, há mais de um ano, com grande assiduidade, não apenas nos postos Pimentel Barbosa e S. Domingos, onde as condições sanitárias são relativamente satisfatórias, mas em S. Felix e outras pobres localidades ribeirinhas do Araguaia. Ali é que bem campeiam a gripe, o sarampo, a varicela, a coqueluche, a sífilis, a leishmaniose, etc. — para já não falar da lepra, da tuberculose, do fogo selvagem, do tracoma e de outras entidades morbosas muito mais temíveis — e delas os Chavantes se têm defendido, até agora, da melhor maneira.

Os presentes, inclusive Francisco Meireles, em cuja companhia naturalmente os índios viajaram de ida e de volta, analisaram o assunto e emitiram, a respeito, opiniões muito judiciosas e interessantes (aliás, favoráveis, de um modo geral, à viagem dos índios), mas, ao meu ver, não só não esclareceram satisfatoriamente a questão, como deixaram fora de foco, talvez, alguns de seus aspectos mais palpantes e simpáticos.

Em princípio, a mim me parece compreensível e necessária, por muitos motivos, a oposição à tendência de afastar o selvícola, mesmo passageiramente, de seu habitat. A terra, com os seus acidentes físicos, com as particularidades locais de sua fauna e de sua flora, com as suas condições climáticas peculiares, com os seus limites, sejam estes naturais ou convencionais, é não apenas a base da vida material, mas elemento poderoso de todas as elaborações intelectuais, culturais, e até espirituais do homem em estado selvagem. Uma pedra, uma árvore, uma cachoeira, um passaro ou um bicho têm, muitas vezes, para ele, indestrutível significado estético, histórico, moral ou religioso. Sabem disso muito bem, não apenas os estudiosos da sociologia e da psicologia humana. Sabem-no quantos já trataram, diretamente, e desarmados de prejuízos maiores, com homens colocados em grau tão elementar de evolução.

Em tese, não há, então, porque consentir que, através de influências ou procedimentos estranhos, se abale, ou se afrouxe na vida das comunidades indígenas, aquilo mesmo que constitui o elemento indispensável de seu progresso em todos os domínios, isto é, seu enraizamento à terra. E, ao Estado que, entre nós, deve tutelá-las, por força de mandamento constitucional, cumpre evitar, com energia e atenção especiais, qualquer abuso em terreno tão delicado, tanto mais que a última coisa de que a dica a sociedade tribal — e não por casualidade ou capricho — é do direito de viver e morrer na gleba sagrada de seus antepassados. Só à força, e praticamente levada ao extermínio, renuncia ela a esse direito.

Mar essa é a questão posta em termos gerais e de um modo abstrato.

No caso concreto da visita dos

Chavantes ao Rio, quando eles próprios, dentro do processo de reatamento de relações amistosas conosco, processo aliás que está longe de ter sido ultimado, manifestam desejo de conhecer melhor nossas coisas e nossa gente, das quais repetidamente lhes estão a falar seus pacificadores, quando, para tanto, já escolheram uma delegação, dispõem de examinar as pros e contras da viagem e depois de haver-se pronunciado favoravelmente a ela o próprio Conselho de Velhos da tribo, para isso adrede reunião, e quando para melhor desempenho dessa embaixada, confeccionaram armas e adornos novos, preparando presentes (arcos, flechas, bordunas, etc.), a serem distribuídos às autoridades e às pessoas com que vierem a tratar e ensaiando numerosos tipos de danças, lances simulados de guerra, jogos esportivos e provas de força, destreza e agilidade, não compreendo, de modo nenhum, que se queira fazer prevalecer aquele princípio restritivo.

Satisfazendo o desejo dos Chavantes, e isso, hoje, dispondo-se de avião, seria coisa facilíssima de fazer-se, não apenas deixando-nos que eles tivessem a satisfação de retribuir as visitas e presentes recebidos até agora, já de parte dos funcionários do Serviço de Índios, já de parte do brigadeiro Vasconcelos Abom e outras autoridades, como também pudessem sentir, mais vivamente, nossos propósitos de paz e solidariedade para consigo, o que seria elemento decisivo no sentido de acelerar e consolidar os trabalhos de Francisco Meireles e seus denodados auxiliares.

Naturalmente, essa visita teria de ser organizada debaixo de toda a precaução, não apenas quanto ao transporte dos índios e à forma de sua apresentação ao público, indumentária inclusive, como quanto ao seu alojamento e alimentação nesta Capital, seu programa de visitas, "protocolares" ou não, etc.

Compreende-se que os diferentes contatos a serem tomados pelos visitantes, por breves que fossem, teriam de permitir um acesso fácil à modesta — estudantil, muito particularmente — garotada de nossas escolas e colégios públicos. Para esta, como de resto para a população carioca, seus homens de ciência, seus artistas, jornalistas e cinegrafistas, haveria de constituir, sem dúvida, espetáculo altamente instrutivo, original e grato poder contemplar, espécimes autênticos de indígenas brasileiros, exatamente aqueles selvagens, tais e quais os velhos tupis que Cabral e Vaz de Camargo vieram encontrar, ingênuos, hospitaleiros e leais, na Pindorama de 1500.

O aborígene que conhecemos, de visu, através de frequentes aparições, no Rio, nas capitais estaduais ou nas cidades e vilas do interior, é, em regra, um decalco. Uma caricatura de filho das selvas, humilhado e corrompido, quando não viciado e enfermo, em qualquer caso despido daqueles atributos superiores de força, inteligência e afetividade que a influencia opressiva ou tumultuária de nossa cultura, se assim posso expressar-me, condenou a malogro irremediável.

Não há como apontá-lo, a ninguém, como tal. O índio que por aí anda, á gandaia, desgarrado de sua tribo, ou já sem tribo, vivendo vida absolutamente vazia de sentido humano — esse não é mais índio. É uma chaga viva, através da qual porejam mais de quatrocentos anos de esbulhos e infortúnios, de incompreensões, injustiças e atrocidades inenarráveis.

Índios são ainda, no Brasil, entre pouquíssimos outros, os Chavantes. E, assim parece-me que só seria para louvar, conforme sugeriu João Alberto, ao longo da conversa a que de início me referi, que, em ação conjunta os srs. ministro da Agricultura e da Educação prefeito do Distrito Federal e presidente do Conselho de Proteção aos Índios promovessem a vinda de um grupo de Chavantes a esta Capital.

Entre outras compensações e vantagens recíprocas que daí adviriam por certo, quem sabe se não se revigorariam, ainda, os impulsos daquele alto espírito humanístico com que José Bonifácio, o bispo Azeredo Coutinho, Couto de Magalhães e Teixeira Mendes souberam analisar e tratar a questão indígena entre nós, espírito do qual Cândido Rondon é representante venerando e glorioso?

E, só nesta última circunstância, estaria já o germe de uma das mais belas campanhas a serem ainda levadas adiante, com força, consequência e generosidade, pelas gerações novas do Brasil.

Silo Meireles